

CEBS CONTINENTAL

APRESENTANDO A REALIDADE DO BRASIL: Conjuntura Social e Eclesial

Nossa conversa sobre a conjuntura da realidade do Brasil apresentará quatro pontos de reflexão:

1. Crise da democracia/crise política: direitos ameaçados;
2. Crise social, humanitária e ambiental a partir da Amazônia;
3. Realidade juvenil e violência contra a mulher no Brasil;
4. Realidade eclesial.

INTRODUÇÃO

População: Aproximadamente 210 milhões de habitantes em 8.514.876 km² de extensão.

Brasil, geograficamente é dividido em 05 regiões e cada uma tem traços e características diferentes:

- **SUDESTE** – mais industrializado, maior concentração populacional, grandes áreas urbanas e politicamente com governos de direita. São 04 ESTADOS; bioma Mata Atlântica.
- **SUL** – grandes colonizações (italianos, alemães e outros), população tradicionalista e politicamente de maioria dos governos de direita. São 03 ESTADOS; bioma Pampas e Mata Atlântica.
- **CENTRO-OESTE** – região do agronegócio, de grandes explorações de produtos primários para exportação, de concentração de terras, grandes latifundiários e politicamente governos de direita; bioma Cerrado, Pantanal e Amazônia

- **NORTE** – território que abriga a maior da Amazônia, maior parte da população está nas cidades, politicamente se divide entre da direita e esquerda; Amazônia.
- **NORDESTE** – devido a realidade de seca e exclusão, que na política sempre foi usada como massa de manobra e que foi criando uma politização. É uma região de oposição, de governos de esquerda em sua maioria. São 09 ESTADOS. Bioma Caatinga e Cerrado.

1. CRISE DA DEMOCRACIA/CRISE POLÍTICA: DIREITOS AMEAÇADOS

Marilza José Lopes Schuina/Mato Grosso.

Uma análise conjuntural, precisa necessariamente vir acompanhada de uma outra análise mais profunda, uma análise estrutural que busca as razões dos fatos presentes. O tempo não nos permite fazer isto aqui, mas digo que historicamente o Brasil sempre foi comandado pelas elites, viveu vários momentos de ditaduras, vários golpes, e um Estado democrático de direitos promulgado pela Constituição de 1988, muito jovem, portanto e uma política de centro-esquerda que durou pouco mais de 13 anos...

Vivemos no Brasil um momento triste da conjuntura nacional, com ataques aos direitos básicos da população, impetrados pelo sistema financeiro através de governos, políticos e empresários interessados em obter lucros, favorecidos pelo poder judiciário que fecha os olhos para as mazelas cometidas, mas também favorecidos pela grande mídia que atua para formar opinião em torno de reformas que afetam diretamente a vida dos mais pobres do país.

O que soa mais cruel é que tudo transparece como uma grande orquestração: as elites nacionais não se interessam para desenvolver um projeto nacional de inclusão e se submetem aos interesses hegemônicos dos Estados Unidos da América, este que tem um único projeto para a América Latina, incluindo o Brasil, através de uma nova colonização nos tornar seu quintal, exportador de matérias primas e commodities, sem se preocupar com os danos humanos, sociais e

ambientais, impedindo as possibilidades de se desenvolver um projeto econômico e social mais igualitário e democrático.

As eleições gerais vivenciadas em 2018 foram palco de atuação de forças conservadoras que apregoavam o Liberalismo Econômico Conservador, sem o mínimo constrangimento, e que no caso do Brasil lograram eleger um presidente da República, numa clara orquestração com o capitalismo financeiro estadunidense. De forma direta, o avanço do conservadorismo foi alavancado pelo fundamentalismo religioso que se alastra pelo Brasil e o mundo. O resultado tem sido catastrófico para a classe trabalhadora e a maioria da população pobre do país.

Vivemos um momento de grande investida para destruir ou, no mínimo, anular qualquer prerrogativa de legislação que possa assegurar DIREITOS à maioria da população. Toda a construção social e de direitos contidos na Constituição Federal de 1988 agora está sob risco de desconstrução e destruição. As ameaças aos Direitos Humanos e aos Direitos dos cidadãos e das cidadãs, aí estabelecidos, estão com os dias contados, caso não haja, do ponto de vista republicano e democrático, um freio de arrumação no governo federal, com a necessária pactuação com governos estaduais e municipais no sentido de preservação dos direitos instituídos na constituição.

São aterrorizantes as reformas que vem sendo impostas desde o golpe que tirou do poder a primeira mulher presidenta da República, Dilma Rousseff, sem que a mesma tivesse cometido um crime fiscal sequer.

1.1. Golpe de Estado de 2016

O golpe de Estado de 2016, o novo impeachment partiu de uma coalizão muito poderosa que promoveu essa ruptura institucional (mídia empresarial, setores conservadores dentro da sociedade, conservadores dentro das Igrejas, dos militares) e com toda uma estratégia de criminalização da política, as pessoas optaram por votar naquele candidato que era anti-estado, contra tudo que estava aí. Só que o candidato que era contra tudo que estava aí, era o que mais estava comprometido com esta política clientelista, patrimonialista... chegamos ao que chegamos...

O governo advindo do golpe, a mando dos empresários descompromissados em distribuir renda impuseram o congelamento por 20 anos de recursos novos para as políticas públicas, a terceirização e uma Reforma Trabalhista que retira toda a base de direitos dos/as trabalhadores/as na relação com o patrão, tudo isso aplicado com recorte étnico, social e de gênero.

Agora, já sob o Governo de Jair Bolsonaro, travestido de a “nova política”, aprova-se a Reforma da Previdência que afetará sobremaneira a maior política de distribuição de renda no país e que assegura à maioria da população condições mínimas de seguridade social.

Muitos outros ataques são diariamente orquestrados para reduzir ou retirar direitos dos cidadãos e cidadãs. Para tanto, o Governo Bolsonaro busca anular ou reduzir todas as estruturas de Estado que possam atuar, promover, impulsionar qualquer ação que vise oferecer proteção jurídica, econômica e social aos indivíduos. Uma das medidas foi o decreto assinado pelo presidente determinando o fim dos conselhos sociais que integravam a Política Nacional de Participação Social (PNPS). A medida foi um ataque direto às conquistas democráticas asseguradas na Constituição Federal de 1988. Representa, também, a aversão do governo à participação social, uma vez que a condução atual da política não contempla um projeto de desenvolvimento nacional na base de garantia de direitos, mas a opção clara do governo é sucumbir os destinos do país à relação bilateral com os EUA de forma a impedir qualquer organização sócio-política-administrativa em favor da maioria da população que necessita das políticas públicas estatais para sua assistência e subsistência.

1.2. A eleição de Bolsonaro

A eleição do Presidente Bolsonaro, como opção desesperada do capitalismo rentista para impedir a eleição de um candidato ligado a um projeto político mais democrático e popular, jogou o país na vala comum da ignorância, mentira, do desrespeito e da desconsideração das realidades de desumanidades que assolam nosso povo, como o desemprego, a falta de políticas de saúde, educação, segurança, moradia e segurança alimentar.

Nesta crise da democracia, as campanhas eleitorais de presidentes da república passaram por um processo altamente belicoso, principalmente as eleições de 2018, não discutindo um projeto para o país, mas usando de estratégias de ataques, desconstrução a qualquer custo do outro, usando notícias falsas, compras de partidos pequenos para aumentar a participação em programas de televisão, corrupção de justiça eleitoral, ou seja, uma democracia frágil e nos processos eleitorais, mais fragilidade ainda.

Os eleitores de Bolsonaro:

- 1- No seio da sociedade, mais ou menos 30% dos eleitores apoiam Bolsonaro, dos quais 15% deles são pessoas altamente radicais da extrema direita que defendem o fascismo, fechamento do congresso, ter um ditador, a volta do Ato Institucional n.5, matar todos que são considerados comunistas – esse grupo sempre existiu e não tinha espaço. Agora tem as redes sociais e são de um grupo forte, financeiramente poderoso.
- 2- Os outros 15% são os frustrados com a política, que acreditam que você precisa de uma pessoa autoritária e forte para resolver os problemas do Brasil
- 3- Além desses, tem o militarismo que tem a ver com os militares do país, que acham que pela violência se resolvem as mazelas sociais e são o grande apoio de Bolsonaro nas bases das polícias e das forças armadas, além dos generais da reserva
- 4- Outra base é o neopentecostalismo, tanto evangélico quanto católicos, mas principalmente no seguimento evangélico que foram os que mais votaram em Bolsonaro (60-70%), que trabalham a teologia da prosperidade e a teologia do domínio

1.3. Em tempos de pandemia

No momento de uma pandemia em que todas as forças vivas nos 03 poderes deveriam estar articuladas para a defesa da vida, do sistema público de saúde, temos justamente no plano federal, quem deveria coordenar essa engenharia, um presidente que não tem nenhum pudor em boicotar as políticas de saúde

sanitária, não aceita as orientações da Organização Mundial da Saúde, que não demonstra nenhum apreço a vida das pessoas e só atende interesses desses grupos que sustentam esse governo.

A pandemia, com mais de um milhão de infectados e mais de 50.000 mortes, aprofunda esse conjunto de questões colocadas antes da pandemia e escancara as desigualdades sociais históricas no nosso país, concentração de renda e riquezas, estamos vivendo uma emergência sanitária, somos o atual epicentro da pandemia global do novo coronavírus, temos um presidente interessado em consolidar o poder de seu clã do que defender a democracia e a saúde do brasileiro com sua política que gera morte.

1.4. Segurança pública x aumento dos conflitos no campo e na cidade

As ameaças aos direitos das pessoas passam pela área da segurança pública. A liberação do porte de armas e munição, já é considerada um desastre em termos de segurança para o povo, e no campo, atua diretamente para impedir a luta pelo direito à terra. Como não há interesses políticos para desenvolvimento de um projeto nacional, as lutas dos/das trabalhadoras rurais pela posse da terra já vêm acentuando as realidades de conflitos por terra e território.

Tal situação aprofunda a realidade de violência vivenciada no Brasil, onde o fracasso das políticas de segurança pública é visível e abre portas para o mercado da segurança privada, com desvios seríssimos como existência de milícias e forças paramilitares que oferecem “segurança” em grandes propriedades rurais, por exemplo. Situações mais propensas a conflitos e que já se apresentam com resultados preocupantes. Vários segmentos sociais vêm sofrendo diretamente com a violência no país.

1.5. Esperanças

Cresce no país a articulação entre as lideranças das Frentes Populares (Frente Povo Sem Medo e Frente Brasil Popular), Plataforma dos Movimentos Sociais, juntos com outros coletivos e partidos de oposição para mobilizarem a favor do impeachment e da cassação da chapa no Tribunal Superior Eleitoral.

Enfim, falar em cidadania e democracia, lutar por direitos e oportunidades para todos parece ser crime no país que usa com facilidade o nome de Deus e tem na religiosidade intimista/fundamentalista do povo as armas para dominar e levar o povo a aceitar com docilidade a miséria, fome, violência e opressão.

Mesmo com tanta negação de direitos, nossa história, a contada pelos lutadores e lutadoras é digna de toda resistência. RESISTIREMOS! Resistiremos como resistimos à colonização, ao longo período de escravidão, à república dos coronéis e ao militarismo que buscou anular nossa condição política de participação republicana na construção do país.

Neste momento em que se eleva sobre a nação brasileira os valores mais mesquinhos do individualismo e da riqueza para poucos, promovidos pela especulação financeira e pelo rentismo, que corrompe políticos, empresários, líderes religiosos e parcela significativa da população, vale cantar os versos da canção: “Apesar de você, amanhã há de ser, novo dia...”

Fontes:

- 1- Live com Professor Robson Sávio, em 25/05/2020
<https://www.facebook.com/conselhodeleigos>
- 2- Relatório n. 5 do Fórum Estadual de direitos Humanos e da Terra de Mato Grosso, 2019, texto; Professor Gilmar Ferreira, SINTEP/MT.

2. CONJUNTURA SÓCIO AMBIENTAL E HUMANA NA AMAZÔNIA.

Pe. Paulinho/Pará.

“A Amazônia é vista como colônia para o sudeste e o sul do Brasil. É província madeireira, mineradora, energética e a última fronteira agrícola”. (Dom Erwin Krautler, Bispo emérito do Xingu.)

Assim como a AL foi colônia da Europa, até hoje predomina essa mentalidade com as ações de exploração e dominação, causando tanto genocídio e extermínio de Povos Indígenas e dos bens da terra (nossas riquezas) para

enriquecer os Impérios de fora. E sempre com as práticas da violência e da escravidão.

2.1. Implantação do latifúndio

Pela pecuária, formação de grandes fazendas e saque das madeiras para exportação e consumo interno, para o sul. A Ditadura militar que dominou o país desde 1964, implementou uma campanha e propaganda intensa para a ocupação (invasão) da Amazônia por parte de poderosos grupos econômicos do sul, gerando uma grande corrida para cá inclusive também de grandes multidões de migrantes pobres. Diziam eles: “Terra sem homens para homens sem-terra”. Ricaços do sul, empresas, bancos ganharam dos militares os direitos de dominarem extensas áreas de terra. E o governo oferecia a infraestrutura básica, as estradas e incentivos fiscais. Para o governo, na Amazônia não tinha povos, sendo que tínhamos mais de 300 Povos Indígenas. Foi uma política de genocídio tanto dos povos quanto das florestas. A lista dos assassinatos, violações, prisões é muito grande. O martírio é presente na Amazônia. Lideranças sociais, religiosos, ambientalistas, sindicalistas, Defensores de Direitos humanos. Com essa violência no campo contra os Pobres camponeses, os obrigaram a migrarem para as cidades. Hoje na Amazônia 80% da população vive em cidades. Os mais pobres sendo obrigados a se aglomerarem nas periferias, vivendo nas piores condições de vida, sem direitos a moradia digna, trabalho, e sem políticas públicas.

2.2. Os grandes projetos na Amazônia

Com a descoberta de grandes jazidas de minérios no subsolo da Amazônia, avança o império colonizador-explorador (lembrando que não é apenas na Amazônia brasileira, mas se estende para os países vizinhos que compõe a Amazônia Oriental). Para a exploração mineral em grande escala, é necessário um grande plano de infraestrutura: energia, estradas, hidrovias, ferrovias, portos; para exportação: dos grãos (soja), gado e minérios. Os Governos militares iniciaram a implantação da infraestrutura, a qual segue com toda força até os dias atuais. Projetos esses desrespeitando a Constituição Federal e até acordos

internacionais. Como nos alerta o Papa Francisco: “Essa economia mata”. Exemplo dos crimes da VALE, empresa de mineração, em Mariana e Brumadinho em Minas Geral. Mais de 270 pessoas mortas. Rios inteiros contaminados.

Os grandes projetos do cultivo em larga extensão da soja, entre outros, com o uso em larga escala dos agrotóxicos, têm também causado mortes das populações, dos Rios, dos mais pobres. Envenenando os alimentos. Hoje a maioria do que comemos é com veneno.

2.3. Os incêndios criminosos na Amazônia

No final de 2019, o Brasil e o mundo se deparou com grandes incêndios criminosos de florestas da Amazônia, incentivados pelo Governo Bolsonaro. Foi chamado o “dia do fogo”. Esse fato está estreitamente relacionado com a esses interesses do capital que se impõe e continuam, hoje de forma mais violenta ao massacre dos Povos Indígenas, assim como para usurparem das reservas florestais, garantidas por lei. O desmatamento da Amazônia foi 54% a mais nos últimos 10 meses. No tristemente famoso encontro dos Ministros com o presidente (22/5/2020) o Ministro do Meio Ambiente declarou: aproveite a pandemia da corona vírus, para “passar a boiada”, afrouxando a fiscalização.

2.4. A resistência, as organizações, os Movimentos Populares e as Pastorais Sociais e as CEBs

A história de muitas resistências e organizações são parte essencial dessa história. Surgiram muitos Movimentos Populares no campo e nas cidades como forma de enfrentar esse sistema acima descrito. As lutas dos Indígenas, suas organizações, dos camponeses na luta pela Reforma Agrária e luta pela Terra. A lutas das mulheres e dos jovens em toda a Amazônia, demonstrando que o Povo não está passivo assistindo de braços cruzados esse sistema de desmonte dos direitos humanos. A grande luta dos ambientalistas pelo direito das florestas e um meio ambiente saudável para todos. As alianças com estudantes e Professores das Universidades. O surgimento do MST por exemplo, com um exemplo histórico de lutas com sua mística e grande capacidade de organização.

Assim como o MAB (Movimento dos atingidos por barragens); o MAN (Movimentos dos atingidos pela Mineração) etc... Esses movimentos são fortalecidos pela mística e pelo apoio muito presente da Igreja, por meio das Pastorais Sociais que, historicamente são sinais de esperança e compromisso com as causas Sociais, como o CIMI (Conselho Indigenista Missionário) a CPT (Comissão Pastoral da Terra) CPP (Conselho Pastoral dos Pescadores). A Pastoral dos Migrantes etc.... são muitas. Essas Pastorais já estão completando 50 anos de vida no meio do Povo, apoiando e sendo presença, sem assumir o protagonismo. É uma força Profética dos Cristãos comprometidos com as causas do Povo, como causas do Reino de Deus. A presença e o testemunho das CEBS na Amazônia ganha uma dimensão fundamental nesse contexto todo. Nas bases, nos acontecimentos, nas organizações, nossas comunidades sempre estão presentes. Por elas nasceram tantos Movimentos Populares. Nos encontros grandes ou pequenos nas regiões da Amazônia, essa luta permeia todos os conteúdos, toda a simbologia da resistência e da Esperança, animados pelo testemunho Pascal de tantos (as) Mártires da caminhada. Vidas pela vida, vidas pelo Reino.

Por isso, o que sustenta a resistência é a Esperança. Os Bispos da Amazônia têm demonstrado muito empenho em apoiar essas causas, pois é a vida, a casa Comum, que deve ser defendida e não esses megaprojetos econômicos. O Sínodo para a Amazônia é uma realidade a ser continuada sempre. Os Povos foram consultados antes do Encontro Sinodal com o Papa. Depois chegou o Documento Final e a carta do Papa Francisco à QUERIDA AMAZÔNIA. Para fortalecer e confirmar tantas lutas dos Povos Amazônicos.

Algumas vitórias importantes, conquistadas pelas organizações Sociais são muito importantes, como o Movimento contra a construção de um Porto hidroviário em Santarém, Pará; A autodemarcação de territórios Indígenas; o impedimento da Construção de uma grande hidroelétrica no Rio Tapajós em Itaituba/Pá. As conquistas das Quebradeiras do coco no Maranhão; as marchas das Mulheres em Brasília etc.

3. REALIDADE JUVENIL E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL

Michelle Gonçalves/Piauí,

Secretária Nacional da Pastoral da Juventude do Brasil.

Separamos alguns pontos que consideramos pertinentes para apresentar a realidade da juventude brasileira.

3.1. DESEMPREGO

O desemprego no Brasil atinge 12,8 milhões de pessoas, desse número, 32% dos **desempregados e desempregadas** no país são jovens entre 18 e 24 anos, e 11,5 trabalhadoras e trabalhadores não têm carteira assinada. Isso gera desigualdade, pobreza e conseqüentemente a criminalidade. Muitos jovens deixam suas famílias nas pequenas cidades para irem aos grandes centros urbanos em busca de trabalho, mas o que encontram são subempregos, favelas lotadas e solidão. Acabam ficando marginalizados/as. Os e as jovens são as grandes vítimas de uma estrutura social injusta. O Brasil é 3º país com a maior população carcerária do mundo, entre essa população, 56% dos presos e presas são jovens. A maior parte dos “criminosos”, amontoados nas cadeias, são jovens impedidos de abraçarem verdadeiros valores humanos, por causa de uma vida desumana.

Tristemente, pesquisas apontam que o desemprego no Brasil vai explodir ainda mais, poderemos ter 20 milhões de desempregados no pós-pandemia.

3.2. ENSINO REMOTO

A educação no sistema capitalista, serve cruel e miseravelmente às classes dominantes, material e ideologicamente, seu papel é formar mão de obra barata. É apenas um produto entre os muitos a serem consumidos. Nesse sistema, ela jamais excluirá as diferenças de classes e nem possibilitará oportunidades iguais para todos, porque há um interesse muito grande de se perpetuar o ensino desigual.

No Brasil, há uma massa impressionante de adolescentes e jovens desassistidos pelas escolas, seres humanos que ficam sempre à margem de uma estrutura social injusta e degradante. Reprovados não só nos vestibulares excludentes dos filhos do povo, mas também reprovados na sociedade, nas ruas, na vida.

Com a pandemia, as escolas e universidades brasileiras estão funcionando através do ensino remoto (aulas à distância). E temos sérios problemas com isso, pois não existia um plano de contingência educacional ou administrativo para casos assim. As entidades educacionais brasileiras não estavam preparadas tecnologicamente, nem teoricamente.

O ensino remoto escancara ainda mais a desigualdade, pois ataca principalmente os adolescentes e jovens pobres, periféricos, que não têm acesso à internet, celulares e computadores. Que não têm acompanhamento em casa e estão excluídos desse mundo tecnológico. A luta dos estudantes no Brasil tem sido pelo adiamento do Exame Nacional do Ensino médio e demais vestibulares, que são a esperança de um ingresso nas faculdades.

3.3. ANSIEDADE E DEPRESSÃO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o **Brasil** é o país com a maior taxa de **pessoas** com transtornos de **ansiedade** no mundo inteiro e o quinto em casos de **depressão**. Pesquisas apontam que depois da pandemia, um terço da população vai sofrer de ansiedade e depressão, os jovens são e serão os mais afetados com esse cenário.

Uma pesquisa de 2019 aponta que o suicídio é a segunda principal causa de morte de jovens no Brasil, ficando atrás apenas de acidentes de carro. Segundo a ONU, a cada 4 segundos, uma pessoa comete suicídio no mundo.

3.4. GENOCÍDIO DA JUVENTUDE NEGRA

Projeto de Genocídio da Juventude Negra.

Temos no Brasil uma marca de projeto de extermínio contra a juventude negra, moradora de periferias urbanas, pobre e com baixa escolaridade. Os homicídios entre jovens negros são quase três vezes maiores do que brancos.

Notoriamente, os jovens negros são o alvo de um estado assassino e estruturalmente racista.

A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil. São 63 mortes por dia, que totalizam 23 mil vidas negras perdidas pela violência letal por ano.

Dois em cada três jovens mortos são negros; 79% dos policiais envolvidos são brancos.

Entre os anos de 2009 e 2011, 939 casos de ações policiais foram analisados. O resultado aponta que 61% das vítimas de morte por policiais eram negras. No âmbito infanto-juvenil, os dados são mais alarmantes: entre 15 e 19 anos, duas a cada três pessoas mortas pela Polícia Militar são negras. Vale ressaltar que a polícia do Brasil é a que mais mata e também a que mais morre no mundo.

3.5. VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Violência contra as mulheres: Dados

A violência contra a mulher é democrática, ela acontece em todos os grupos sociais, religiosos, culturais e econômicos e das mais distintas formas. Com várias faces. Uma mulher pode sofrer violência física, verbal, moral, patrimonial, psicológica e etc.

O Brasil é o 5º país do mundo mais violento para mulheres. Aqui, morrem mais mulheres vítimas de violência doméstica, do que por câncer e acidente no trânsito. No Brasil 3 em cada 5 mulheres são violentadas dentro de algum relacionamento.

A cada 17 min uma mulher é agredida fisicamente no Brasil. De meia em meia hora alguém relata um caso de cárcere privado. Toda semana 33 mulheres são assassinadas por parceiros ou ex. A cada 11 min uma mulher é estuprada no Brasil.

A cada dia o feminicídio aumenta e com a mulher negra essa estatística é ainda mais violenta. Pois o homicídio de mulheres negras aumentou 54% em dez anos.

Em 70% dos casos de violência, a vítima é próxima do seu agressor. Até 2030 podem morrer 500 mil mulheres vítimas de violência doméstica no mundo.

Curiosamente, 80% da população brasileira se declara cristã. Que cristianismo é esse?

Pandemia e violência doméstica

Em tempos de pandemia a violência contra a mulher é um tema ainda mais relevante e gritante. Pois a conjuntura socioeconômica atual tende a exacerbá-la. A perda de empregos decorrente da crise afeta principalmente as mulheres que se concentram no setor de serviços o mais afetado pela crise. No Brasil, mulheres são mais sujeitas à informalidade do que homens. Mais de 90% dos trabalhadores domésticos, mais vulneráveis economicamente na crise, são mulheres, e mais de 70% são negros indicando a maior precariedade do emprego da mulher negra.

A violência não é um fenômeno da pandemia. Ela só se mostra ainda mais agora. Pois as mulheres estão presas em casa com os seus agressores, sem muitas possibilidades de pedirem ajuda, ou denunciarem. Vários estados brasileiros já alertam para o grande aumento de casos de violência doméstica e feminicídio. Governos do mundo inteiro relatam aumento nas denúncias de violência doméstica.

Em tempos de pandemia, é importante saber que impedir a higienização, não permitir a comunicação com a família e amigos, repassar notícias falsas, tudo isso é violência.

Tudo isso são sinais de uma sociedade extremamente machista e patriarcal que ensina para os homens que eles têm poder sobre o corpo e a vida das mulheres. Uma sociedade que nos objetifica, nos diminui e nos mata, todos os dias.

3.6. SINAIS DE RESISTÊNCIA E ESPERANÇA

Pastoral da Juventude no Brasil

Mesmo diante de tantos cenários difíceis, não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos. Nenhuma instituição ou governo pode ignorar que a juventude possui um potencial criativo, resistente e revolucionário, que os jovens aspiram por um mundo de justiça e igualdade. No Brasil, nós temos a Pastoral da Juventude, que há quase 50 anos vem sendo um sinal profético de

organização e defesa da vida das juventudes, uma pastoral dinâmica, com grupos de jovens espalhados por todos os cantos do país, levantando bandeiras de justiça, igualdade, inclusão, políticas públicas e vida em abundância para todas e todos. A Pastoral da Juventude é uma força de esperança histórica no Brasil. Fazendo trabalho de base em pequenos grupos, fomentando a formação integral na vida dos jovens, agindo dentro e fora da igreja, com campanhas voltadas à vida das mulheres, da juventude pobre, negra, marginalizada, vítima da violência, com formação e atuação política, eclesial e social.

Em tempos de pandemia, a Pastoral da Juventude tem se reinventado, buscando formas de estar presente na vida dos jovens, mesmo sem os encontros presenciais. Temos promovido grupos de estudos online, lives, conferências, materiais formativos, festivais musicais online, e várias ações sociais. Continuamos aqui, e a esperança continua sendo nossa bandeira. Mesmo com tantos desafios, seguimos acreditando e construindo um outro mundo possível.